

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUANNY FERREIRA AVELINO SILVA

**O BRINCAR DOS BEBÊS NA CRECHE NO ENCONTRO COM A NATUREZA:**

Uma experiência numa creche em Maceió

MACEIÓ

2024

LUANNY FERREIRA AVELINO SILVA

**O BRINCAR DOS BEBÊS NA CRECHE NO ENCONTRO COM A NATUREZA:  
uma experiência numa creche em Maceió**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora:  
Marina Rebeca de Oliveira Saraiva

Maceió  
2024

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Setorial Lúcia Lima do Nascimento - CEDU**  
Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino - CRB4: 1459

S586b Silva, Luanny Ferreira Avelino.

O brincar dos bebês na creche no encontro com a natureza: uma experiência numa creche em Maceió. / Luanny Ferreira Avelino Silva. Maceió, 2024.

42 f.

Orientador: Marina Rebeca de Oliveira Saraiva.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

Bibliografia: p.39-40.

Anexos: p.41-42.

1. Estágio supervisionado. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 3. Prática pedagógica. I. Onorio, Izabelly Feitosa. II. Título.

CDU: 372.3

LUANNY FERREIRA AVELINO SILVA

**O BRINCAR DOS BEBÊS NA CRECHE NO ENCONTRO COM A NATUREZA:  
uma experiência numa creche em Maceió**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 31 / 10 / 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Marcolino (CEDU/UFAL)

**Comissão Examinadora**

---

Profa. Dr. Suzana Marcolino (CEDU/UFAL)

---

Profa. Dra. Ana Maria dos Santos (CEDU/UFAL)

---

Profa. Dra. Renata da Costa Maynard (CEDU/UFAL)

Maceió  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Lucilene, por ser minha maior rede de apoio em todos os sentidos. Por ter me ajudado a conciliar faculdade, maternidade e trabalho, sempre me incentivando a lutar pelos sonhos que carrego. Muitos foram os desafios e sem ela eu não teria alcançado esse objetivo.

Ao meu pai Josoel, por se fazer presente em todos os momentos, me apoiando, incentivando e acreditando em mim. Por sempre ter se esforçado e feito o que estava ao seu alcance para me ajudar.

Aos meus irmãos, por terem compartilhado comigo uma infância muito especial repleta de brincadeiras e momentos inesquecíveis. Também agradeço por toda força e rede de apoio.

Aos meus filhos Nicolas e Luna, que mesmo sem saber são minha maior fonte de motivação e força, por quem sempre vou lutar em busca dos meus sonhos. Por todo amor e admiração que mesmo ainda pequenos já conseguem demonstrar. Vocês fizeram parte dessa trajetória e eu os amo incondicionalmente.

À minha turma Pedagogia Perigosa do período 2016.2, por todo carinho, apoio e palavras de incentivo ao longo da nossa caminhada juntos. Nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica vocês estiveram presentes e seguraram minha mão. Obrigada!

Aos professores do CEDU, por todos os ensinamentos e correções, pelo acolhimento e por todos os desafios que fizeram parte do processo. Lembrarei sempre com carinho de muitos dos meus mestres. Obrigada!

À Professora Marina Rebeca Saraiva, por ter acolhido meu tema e minha história com atenção e paciência. Pelos retornos, trocas e oportunidades. Muito obrigada!

## **O BRINCAR DOS BEBÊS NA CRECHE NO ENCONTRO COM A NATUREZA:**

Uma experiência numa creche em Maceió

Luanny Ferreira Avelino Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** No atual momento sócio histórico que estamos vivenciando, após um período de pandemia que agravou o afastamento já em crescente consolidação entre os seres humanos e a natureza, em razão do avanço cada vez mais rápido da era digital e tecnológica da sociedade moderna, pensar em vivências que retomem o contato entre crianças e ambientes naturais vêm se tornando uma preocupação entre estudiosos e educadores não só no Brasil, mas em todo o mundo. A partir dessa inquietação, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é dialogar e apresentar as experiências profissionais vivenciadas pela autora em uma creche no estado de Maceió que adota as abordagens Magaluzziana e Pikler como eixos norteadores de ensino, pensando em suas possíveis contribuições para o desenvolvimento pleno de bebês pequenos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, atrelando as discussões de alguns autores acerca do tema às experiências práticas experimentadas no ambiente investigado. Em tese, essa monografia busca entender e registrar como acontece o brincar dos bebês em contato com a natureza, fazendo algumas reflexões sobre possíveis causas para o distanciamento entre o brincar nos ambientes livres e apresentando um pouco da rotina na creche. Embora a natureza seja considerada um cenário repleto de possibilidades para que as crianças vivenciem suas infâncias, é importante enfatizar que o desempenho das propostas que buscam fazer a conexão entre o brincar e a natureza está nas mãos das instituições e dos profissionais que nelas atuam, a partir de seus objetivos pedagógicos e da maneira como conduzem as interações entre as crianças e o meio natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Infâncias; Natureza; Brincar; Bebê.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

---

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>CAPÍTULO I – CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA.....</b>	<b>8</b>
1.1 A infância nos dias de hoje.....	11
<b>CAPÍTULO II – O BRINCAR COMO FONTE DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>13</b>
2.1 O brincar na infância e a natureza.....	16
<b>CAPÍTULO III – O BRINCAR DOS BEBÊS NUMA CRECHE DE MACEIÓ.....</b>	<b>20</b>
3.1 Os bebês e o contato com a natureza na creche.....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Cem alegrias para cantar e compreender. Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar. Cem mundos para sonhar. / A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove (Malaguzzi, 1999, p. 5).

Ao debruçarmos o olhar para analisar e entender os princípios que norteiam a Educação Infantil no Brasil e a maneira como essa etapa de fato é conduzida no interior das escolas, sejam elas de rede pública ou privada, é possível perceber que a prática da brincadeira tem ocupado um espaço significativo no contexto educacional como uma atividade que contribui direta e indiretamente no aprendizado e desenvolvimento das crianças, e essa conclusão tem sido cada vez mais reafirmada ao longo dos anos por pesquisadores e profissionais da área da educação que buscam explorar, observar, entender e compartilhar conosco como o ato do brincar pode propiciar e potencializar os momentos de aprendizagem no contexto escolar.

Sendo assim, a valorização da brincadeira dentro das escolas como estratégia de ensino tem sido considerada uma conquista muito importante para o avanço da Educação Infantil, pois, o ato do brincar é a atividade principal de toda criança desde sua fase bebê até parte da pré-adolescência, e a partir de um resgate histórico, vemos que para esse pensamento começar a tomar espaço dentro da sociedade levou-se muito tempo e estudo.

As particularidades da infância estão sendo aos poucos contempladas e inseridas no âmbito educativo a fim de tornar essa primeira etapa escolar mais prazerosa, significativa e rica de possibilidades de aprendizagem para as crianças. Entretanto, para entender como a brincadeira ocupou esse espaço de relevância nos dias atuais, faz-se necessário entender a priori como essa atividade originalmente era entendida e como se consolidou como parte fundamental da infância.

Para além do brincar, a necessidade de refletir e se pensar nos ambientes onde essas brincadeiras irão se desdobrar cada vez mais vem se tornando uma preocupação para muitos estudiosos da área da educação, principalmente após enfrentarmos recentemente um período de pandemia do COVID-19, onde o ensino remoto foi a única alternativa para muitas instituições de ensino em todo o país e este fato reverberou significativamente no contato das crianças com os espaços

externos fora de suas casas. O brincar das crianças que já vinha se afastando das áreas abertas e da natureza por outras questões, como veremos mais à frente no trabalho, foi ainda mais prejudicado com o enfrentamento ao período pandêmico.

O tema deste trabalho originou-se de uma inquietação pessoal enquanto estudante de pedagogia nos últimos períodos do curso, vivenciando um momento de pandemia e precisando se adequar ao sistema de ensino remoto totalmente à distância, ao mesmo tempo em que lidava com a maternidade e os cuidados com dois bebês, um deles inclusive nascido no ápice da disseminação da doença aqui no Brasil, no início do ano de 2020.

Vivenciando o dia a dia com dois bebês e conciliando essa rotina com os estudos, pude acompanhar o processo de desenvolvimento dos dois com um olhar mais sensível aos detalhes que por vezes passam despercebidos no decorrer dos dias que contemplam o crescimento de um bebê pequeno. Enquanto mãe e estudante de pedagogia me percebi todos os dias diante de inúmeros desafios para possibilitar ao máximo momentos de brincadeiras no espaço doméstico, e foi perceptível para mim o quanto essa limitação espacial prejudicava o repertório criativo dos bebês num momento de brincadeira.

A ação de sair de casa, fazer pequenos passeios e sentir o vento no rosto fazia toda a diferença no dia a dia deles, e sempre que possível esses momentos aconteciam.

Somando a essa experiência, após alguns anos acompanhando de perto o crescimento dos meus filhos em seus primeiros anos de vida, adentrei profissionalmente numa instituição de ensino que desenvolve um trabalho direcionado à Educação Infantil baseada na abordagem Reggio Emilia, na qual a criança é considerada protagonista no seu processo de desenvolvimento.

Todo o planejamento é pensado para as crianças, e diferente de como acontece nas práticas pedagógicas tradicionais, os conhecimentos não são compartilhados por meio de tarefas, projetos ou atividades pré-estabelecidos e padronizados, mas se apresentam por meio de propostas e experiências que partem do cotidiano das crianças e de situações significativas para as mesmas, dentro de um contexto onde elas recebem a oportunidade de desenvolverem sua autonomia de maneira segura, acompanhadas pelos profissionais responsáveis.

Sendo assim, essas experiências somaram-se na minha trajetória, resultando em interesses e indagações que se ampliaram no TCC acerca da relação entre

educação e natureza, tendo como intuito investigar se existem e quais são as contribuições desse ambiente e seus elementos nas práticas pedagógicas cotidianas desenvolvidas com bebês em uma creche de Maceió que atende a Educação Infantil, onde o brincar é entendido e valorizado como principal meio de aprendizagem, e por meio dessa ação, as possibilidades dos pequenos são potencializadas.

Das leituras que fomentaram essa investigação, seguem alguns dos autores que consolidaram a base teórica: Áries (1981), Almeida (2012), Borba (2005), Falk (2011), Lima (2019), Malaguzzi (1999), Maluf (2003), Piorski (2016) e Vigotski (2008). Parte desses autores produziram pesquisas científico-acadêmicas, as quais se tratam especificamente da temática educação e natureza e contribuíram bastante com a temática que busco dialogar em meu TCC.

Documentos oficiais também foram visitados, como a Base Nacional Comum Curricular (2018), a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), entre outros. A partir dos estudos de todas essas fontes, destaco que cada um colaborou com a discussão acerca da importância da natureza para o desenvolvimento das crianças e sobre como esse ambiente pode favorecer múltiplas possibilidades de aprendizagem para as mesmas em diversos sentidos, como em aspectos físicos, psicológicos, sociais, éticos e ambientais, por exemplo.

Portanto, a metodologia de pesquisa empregada em meu TCC foi a pesquisa bibliográfica, a qual oferece a possibilidade de recorrer e estudar a partir de diferentes autores que irão dar fundamentos para produzir um trabalho acadêmico sobre um determinado assunto. Com o amparo teórico desse meio de investigação, pude fortalecer as discussões acerca do tema e visualizar um diálogo dos autores com a minha experiência profissional, tendo o intuito de registrar, fundamentar e divulgar a mesma em meu trabalho de conclusão de curso, visando contribuir com estudos e debates futuros no que se refere à relação entre educação e natureza.

Dessa forma, retomando o objetivo principal que é entender e registrar como acontece o brincar dos bebês em contato com a natureza no âmbito de uma creche em Maceió, a investigação foi organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “*Concepção da infância*”, faz um resgate histórico de como as crianças eram entendidas dentro da sociedade antes do

sentimento da infância se constituir, explanando em que momento e a partir de quais contribuições uma concepção da infância começou a florescer. O capítulo também vai fazendo menções a documentos universais que foram sendo produzidos com o intuito de fortalecer e garantir direitos para todas as crianças, a partir do momento em que suas necessidades específicas foram sendo reconhecidas socialmente.

No segundo capítulo, “*O brincar como fonte de aprendizagem*”, é iniciada uma discussão voltada para as brincadeiras, e a partir de diferentes autores que vão dando fundamento, pode-se entender porque essa ação é importante e como ela favorece intrinsecamente na aprendizagem das mesmas, dentro e fora dos espaços educativos. Ainda nesse capítulo, o brincar na natureza é introduzido à narrativa, dando ênfase ao afastamento cada vez mais do brincar das crianças nos ambientes abertos e externos, em contato com elementos naturais. Em contraponto, a importância dessa relação no desenvolvimento humano vai sendo ressaltada.

No terceiro e último capítulo, “*O brincar dos bebês numa creche de Maceió*”, início o registro da minha experiência profissional dentro da instituição investigada, experiência essa que concretiza as discussões salientadas nos capítulos anteriores. Relato como as vivências com os bebês acontecem, quais aspectos são considerados e como os processos educativos se dão para os pequenos dentro de um contexto onde a autonomia é estimulada desde muito cedo em simples ações. Os teóricos que fundamentam a abordagem da instituição também são referenciados, fazendo conexões com a prática vivenciada no dia a dia. Por fim, ainda nesse capítulo, a relação entre o brincar e os bebês no ambiente natural é explanada, apresentando algumas propostas que são utilizadas para favorecer esse contato.

Em tese, a partir dos autores que foram buscados e das narrativas que se sucederam, muitos benefícios foram apresentados ao pensar no brincar livre em contato com a natureza e com seus elementos, e ao longo do trabalho esses pontos serão mais bem aprofundados.

## CAPÍTULO I – CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA

Partindo da narrativa salientada por Áries (1981) para fundamentar inicialmente essa discussão, entendemos que as percepções populares atuais acerca da brincadeira enquanto uma prática vazia de sentido não é resultado de uma compreensão isolada e específica desse momento, mas sim uma herança constituída ao longo dos séculos sobre o significado e as particularidades da infância. Para o autor, durante muito tempo não existiu uma concepção estruturada acerca do ser criança, e somente entre os séculos XII e XVII essa fase da vida humana foi recebendo diferentes conotações nos sentidos culturais, sociais, políticos e econômicos, de acordo com cada período histórico.

Por muito tempo as crianças foram enxergadas como adultos em miniatura e eram tratadas como tal, precisando desde muito cedo se adaptarem ao comportamento dos mais velhos, da maneira de se vestirem até as atividades que exerciam, como afirma o autor: “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (Áries, 1981, p. 14).

Na imagem abaixo, uma obra de Diego Velázquez, essa percepção da criança fica bem retratada:

Fig. 1 - Obra de Diego Velázquez (1656) – As meninas



Fonte: <https://thaislaski.com.br/diego-velazquez-o-barroco-espanhol/>

Durante esses períodos as crianças eram consideradas como um “vir a ser”, uma “tabula rasa”, pequenos adultos em evolução, e as particularidades da infância não eram valorizadas, nem tampouco entendidas, como argumenta o autor:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (Áries, 1986, p. 10).

Somente entre os séculos XVII e XIX a infância passa a conquistar sentidos próprios, com o chamado “sentimento da infância”, onde os primeiros pensamentos acerca dessa ideia começaram a ganhar espaço dentro da sociedade vigente, e tais compreensões foram surgindo a partir da necessidade de escolarização, a qual até aquele momento acontecia de forma igualitária para todas as pessoas.

Áries (1981) também destaca a importância da igreja para as primeiras mudanças acerca da compreensão das crianças enquanto seres diferentes dos adultos, a qual passou a associá-las aos anjos por sua pureza e inocência nos aspectos físicos e de maturidade. A partir dessas noções, foi-se surgindo um entendimento de que as crianças precisavam ser amadas e inseridas num processo educativo pensado para elas, contestando a indiferença com que eram tratadas até aquele tempo. As crianças passaram então a serem vistas como crianças-anjos, tendo sua imagem associada à religiosidade, e suas peculiaridades finalmente começaram a ser pensadas de forma única, entendendo-as como seres imaturos, frágeis e sujeitos a acompanhamento na sua formação moral.

De fato, apenas a partir do século XVIII a infância começa a ser entendida como uma fase importante e repleta de particularidades, e as crianças passaram a conquistar reconhecimento enquanto sujeito, com direito à uma educação específica e respeito por parte dos adultos. As famílias passaram a dar relevância ao sentimento de ser criança, oferecendo, por exemplo, quartos separados e alimentação adequada para elas. A criança passa a ser considerada importante, a qual está vivenciando o período da infância que requer orientação e educação por parte dos adultos.

Sobre o reconhecimento das especificidades das infâncias e sobre a necessidade de se pensar em contextos apropriados para elas, as conquistas foram

além do surgimento de artefatos para as crianças, como roupas, livros, brinquedos, calçados, quartos e etc., alcançando de fato um sentimento de infância que foi se consolidando ao redor do mundo. Muitos direitos foram universais foram elaborados a fim de garantir o bem-estar e saúde das crianças, como aponta a Declaração dos Direitos das Crianças:

direito à igualdade, sem distinção de raça religião ou nacionalidade;  
 direito à especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social;  
 direito a um nome e a uma nacionalidade;  
 direito à alimentação, moradia e assistência médica adequadas para a criança e a mãe;  
 direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente;  
 direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade; direito à educação gratuita e ao lazer infantil;  
 direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofes;  
 direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho; direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos (Unicef, 1959, p. 1-3).

Portanto, essas conquistas foram cruciais para que o sentimento da infância de fato se consolidasse e para que essa fase da vida humana recebesse a devida atenção e as crianças pudessem vivenciá-la tendo suas necessidades atendidas, enquanto sujeitos de direitos que devem ser inseridos e respeitados em sociedade.

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) também aponta diversos direitos cabíveis das crianças que devem ser assegurados pelo Estado e pela sociedade, como os direitos à educação, saúde, alimentação, moradia, proteção, liberdade para expressar-se, participar, brincar e direito à prioridade nos atendimentos e socorros. No artigo 53 do ECA, fica declarado:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;  
 II - direito de ser respeitado por seus educadores;  
 III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;  
 IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;  
 V - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo

estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica (Brasil, 1990, p. 23).

Diante disso, entende-se que é dever do seio familiar e dos responsáveis se conscientizar dos direitos das crianças e buscar a sua efetivação na realidade de cada uma, bem como obrigação das instâncias de fiscalização constatar se de fato o que recomenda a lei está sendo validado no âmbito dos órgãos públicos e privados que atendem ao público infantil.

Em tese, todos os documentos mencionados apresentam as crianças como sujeitos históricos de direitos, fazendo-se necessário compreender seu modo de perceber e agir no mundo, criando oportunidades para que elas se desenvolvam ao seu modo, com a liberdade que anseiam e lhes é devida. Dessa forma, a partir das orientações oficiais, o brincar e o interagir entre os pares são direitos das crianças, portanto, não devem ser negligenciados ou minimizados, pois são ações importantes no processo de desenvolvimento integral da criança (Brasil, 2009a).

### 1.1 A infância nos dias de hoje

Em nosso contexto histórico-social, muito se evoluiu acerca da compreensão da Infância até que a criança fosse considerada um sujeito de direitos. Hoje, muitos são os sentimentos e ideais que permeiam a fase da Infância de maneira geral, em aspectos culturais, sociais, familiares e educacionais, por exemplo. Nesse último, muito se avançou no que diz respeito às particularidades da infância e em como elas são importantes no processo educativo das crianças dentro das creches e pré-escolas na etapa do desenvolvimento da Educação Infantil.

Atualmente, muito se fala sobre a busca pelo novo, pela investigação, pela exploração e pela busca do lúdico nas práticas pedagógicas direcionadas às crianças, e isso se deu pela valorização das expressões do ser criança e pela necessidade de inseri-las dentro do contexto educativo, a fim de garantir um processo de desenvolvimento e aprendizagem repleto de possibilidades e potencial que as crianças carregam consigo.

Desse modo, faz-se necessário entender à princípio que as crianças passaram a ser reconhecidas legalmente e seus direitos enquanto cidadãos estão assegurados pela Constituição Federal de 1988, conforme os seguintes artigos:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 24. Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre:

XV - proteção à infância e à juventude;

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Portanto, de acordo com a legislação, sabemos que além da família, é dever também da sociedade, do Estado, da União e do Distrito Federal, assegurar às crianças o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência [...].

Dessa forma, entendemos que as crianças ocupam uma posição de extrema importância e preocupação perante a sociedade, e claro, diante das práticas educacionais, visto que políticas públicas voltadas para esse público precisam continuar a ser pensadas e efetivamente realizadas para que esses direitos sejam na prática assegurados e respeitados, valorizando o ser criança.

Nesse mesmo sentido, o Referencial Curricular de Maceió para Educação Infantil (2020) destaca que seu currículo “respeita o direito à infância, a viver e crescer compreendendo a criança por inteiro – corpo, mente e emoções, aponta a importância de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se como direitos essenciais da aprendizagem”. Ou seja, efetivamente as instituições de ensino passaram a pensar suas práticas na Educação Infantil de acordo com esses pressupostos que abrangem o ser criança em sua totalidade e priorizam os direitos da criança, e o brincar é destacado como um dos direitos a serem valorizados dentro dos espaços educacionais.

O documento referido também está articulado com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018), quando a mesma estabelece o brincar como um dos direitos de aprendizagem das crianças na Educação Infantil, ressaltando que o ato cotidiano do brincar deve estar presente em suas múltiplas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes pares, ampliando suas possibilidades de acesso a produções culturais.

Portanto, sendo o brincar uma expressão natural e cotidiana da criança, entende-se que esta ação deve continuar sendo valorizada enquanto um dos mais importantes aspectos da infância, sendo evidente que por meio dele a criança expressa e desenvolve sua imaginação, se relaciona com seus pares, bem como desenvolve suas capacidades sociais, cognitivas, corporais, sensoriais, dentre várias outras. Nos espaços educativos, a contribuição das brincadeiras nesse sentido é ainda mais ampliada considerando as múltiplas relações que neles existem, partindo da relação entre os sujeitos e o conhecimento como base.

## CAPÍTULO II – O BRINCAR COMO FONTE DE APRENDIZAGEM

De maneira geral, falar sobre o ato de brincar nos remete a uma sensação de satisfação. Do mundo animal ao humano, a brincadeira se faz importante como uma atividade que nos oferece energia e interação, além de ampliar o nosso repertório para novas aprendizagens e descobertas. Nesse sentido, Teixeira (2003) pontua:

(...) a criança quando brinca pode estabelecer relações afetivas com qualquer outro objeto, representá-lo ou vivenciá-lo. Ela só precisa ser livre para representar uma realidade ao brincar, já que é natural que ocorra esta atitude em sua vida, fazendo

parte da sua condição de ser vivo. (Teixeira, 2003, p. 234)

Ao pensarmos em infância, numa retomada pessoal de lembranças, é comum que muitos momentos marcantes e inesquecíveis sejam trazidos à tona. Lugares favoritos que eram frequentados, sabores que foram experimentados, pessoas com quem esses momentos foram compartilhados, e claro, as brincadeiras, que fizeram essa fase de nossa existência ser uma das mais importantes e memoráveis.

Não podemos lembrar exatamente em que idade as brincadeiras começaram a fazer parte de nossa vida, mas a sensação é de que elas foram sendo inseridas desde muito cedo. Para um maior aprofundamento sobre o conceito de brincadeira e qual a sua influência na vida das crianças, especialmente na idade pré-escolar, faz-se necessário visitar as concepções de alguns estudiosos que se dedicaram às pesquisas direcionadas ao desenvolvimento infantil. Nesse sentido, Vigotski (2008) aponta:

Quando falamos sobre a brincadeira e o seu papel no desenvolvimento da criança na idade pré-escolar, emergem duas questões fundamentais: a primeira delas é o modo como a própria brincadeira surge ao longo do desenvolvimento, o aparecimento da brincadeira, sua gênese; a segunda questão diz respeito ao papel que essa atividade desempenha no desenvolvimento. (Vigotski, 2008, p. 24)

Ou seja, precisamos antes de tudo situar em que momento a brincadeira começa a fazer parte da vida das crianças e como ela surge dentro do contexto social, ao longo do desenvolvimento de cada uma. Numa simples observação de pouco tempo sob um grupo de crianças, é possível visualizar que elas tendem a interagir por meio de brincadeiras, as quais vão naturalmente surgindo a partir da imaginação das mesmas. É comum do “ser criança”, a partir da cultura de cada uma, se expressar e socializar com as demais ao seu redor por meio do brincar; elas não precisam se conhecer ou passar muito tempo juntas para que possam dividir um brinquedo ou espontaneamente iniciar uma brincadeira que coloque em prática os seus pensamentos e a sua criatividade.

Partindo desse pressuposto de que a brincadeira é algo que tende a surgir espontaneamente entre as crianças, é comum que entre os grupos sociais do convívio das mesmas, à essa atividade não seja atribuído nenhum valor significativo

de sentido ou maior importância; as pessoas tendem a enxergar a brincadeira como uma prática vazia e superficial, por meio da qual as crianças gastam energia e se distraem, com o único e exclusivo objetivo de promover diversão e satisfação pessoal. É sobre essa concepção que Vigotski (2008) também argumenta:

Sabemos que a definição de brincadeira, levando-se em conta como critério a satisfação que ela propicia à criança, não é correta por dois motivos. Primeiramente, porque há uma série de atividades que podem proporcionar à criança vivências de satisfação bem mais intensas do que a brincadeira. (...) Por outro lado, conhecemos brincadeiras em que o próprio processo de atividade também não proporciona satisfação. (...) é o caso, por exemplo, dos jogos esportivos. (Vigotski, 2008, p. 24)

Dessa forma, o teórico nos provoca a pensar para além das concepções socialmente produzidas acerca da brincadeira, ampliando o nosso olhar para o um significado mais abrangente: a brincadeira como linguagem, principal meio de interação social e expressão dos elementos abstratos da criança. É por meio do brincar que os pequenos concretizam a sua inserção no contexto em que estão inseridos, reproduzindo as ações culturais do seu meio e fazendo a assimilação entre o imaginário e o real.

Aproximando essa narrativa ao desenvolvimento dos bebês, devemos lembrar que estes se encontram em uma das fases mais propícias aos mais diversos aprendizados. Aprendem a engatinhar, balbuciar, andar, falar, correr, explorar o mundo ao seu redor, e claro, aprendem naturalmente a brincar, dentre tantas outras coisas. A brincadeira, nesse sentido, amplia consideravelmente o repertório de possibilidades dos bebês, pois, o ato de brincar não está somente interligado a conquista de novas habilidades, mas sim, oferece a eles a capacidade de perpassar pelas esferas cognitivas, intelectuais, motoras e até mesmo emocionais, simultaneamente. Maluf (2003) coincide com essa ideia, ao escrever:

A criança, através das brincadeiras, assimila valores, assume comportamentos, desenvolve diversas áreas do conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, e esperar a sua vez de brincar, a emprestar e tomar emprestado, a compartilhar momentos bons e ruins, em fim, seu raciocínio é desenvolvido de forma prazerosa (Maluf, 2003, 94).

Sendo assim, é intrinsecamente fundamental que os adultos responsáveis pelas crianças compreendam e facilitem as possibilidades de brincadeira para a ampliação do repertório no contexto social-familiar, as quais oferecem variação de atividades, estímulo à criatividade, estabelecimento de vínculo afetivo e emocional, bem como desafia os limites e potenciais dos pequenos.

Sabendo disto, o ato de brincar pode ser valorizado e somado à prática pedagógica e favorecer momentos de aprendizagem, visto que na relação com bebês e crianças pequenas de 0 à 3 anos esse é o caminho ideal para garantir o seu desenvolvimento pleno, porém, em muitos casos a falta de informação, de tempo e outras tantas situações sociais e culturais, dificultam os estímulos precoces no seio familiar.

Acerca do brincar enquanto uma ação cultural da criança, Borba (2005) salienta que:

“O brincar é uma atividade social cognitiva que pertence, antes de tudo, a dimensão humana, constituindo, para as crianças, uma forma de ação social importante e nuclear para a construção das suas relações sociais e das formas coletivas e individuais de interpretar o Mundo. (Borba, 2005, p. 55)

Ou seja, é no brincar que a criança vai se entendendo enquanto um ser que existe no mundo e que precisa interagir com ele, se relacionando com seus pares e tendo a sua criatividade e imaginação estimulada. Essa atividade é a responsável por inserir diretamente as crianças nas relações sociais entre ela e o mundo, oferecendo múltiplas possibilidades de desenvolvimento em vários aspectos.

## 2.1 O brincar na infância e a natureza

Sabendo que o maior propósito desta investigação é entender como se dá a relação entre o brincar e a natureza no contexto educacional, faz-se necessário situar em que tipo de sociedade estamos inseridos e quais as infâncias que coexistem nesses espaços escolares, para posteriormente entender a natureza e a sua potencialidade enquanto espaço de desenvolvimento e aprendizagem integral para crianças.

Sabemos que o Brasil é um país marcado historicamente pela desigualdade social e econômica, é isso refletiu diretamente no estabelecimento de diferentes infâncias, baseadas em contextos e realidades opostas. A partir disso, viu-se a necessidade cada vez mais gritante de pensar em espaços educativos que contemplem a importância da natureza e alcancem também crianças que estão sendo marginalizadas desse direito.

A infância, enquanto um período único e marcante na vida de todos os sujeitos, requer como aspecto importante o direito das crianças de terem acesso à ambientes acolhedores que lhes proporcionem momentos significativos de aprendizagem, e a natureza pode oferecer múltiplas possibilidades de fazer com que crianças se sintam livres e à vontade para brincarem e explorarem seus elementos. Acerca dos ambientes acolhedores, Poropat (2009) e outros autores defendem que:

Um dos principais componentes necessários também para a formação de um bom alicerce é o afeto e a brincadeira. Por essa razão, as diferenças nas chances que as crianças têm de frequentar ambientes acolhedores e estimulantes são também fonte de desigualdade de oportunidade. (Poropat, 2009; Primi et al., 2016; Almlund et al., 2011, Hekmann Stixrud, Urzua, 2006; Carmeli; Josman 2006 apud Santos e Silva, 2022).

Desse modo, entendemos como os ambientes frequentados pelas crianças durante o período da infância influenciam em suas vivências, e se tratando das que crescem em uma realidade social e econômica mais baixa, momentos significativos de brincadeiras em espaços abertos e acolhedores são ainda mais escassos. Além dos fatores sociais e culturais, outras situações têm afetado consideravelmente à infância nas últimas décadas, como as diversas transformações advindas do processo gradativo de industrialização, globalização e urbanização.

Se olharmos até mesmo de maneira superficial ao nosso redor, podemos perceber o aumento na movimentação de pessoas nos centros urbanos, em shoppings centers, parques privados, cinemas e afins, bem como o crescimento das cidades e conseqüente diminuição dos espaços verdes em áreas habitacionais. Cada vez mais observamos a construção de prédios e estruturas comerciais e empresariais, ao mesmo tempo em que quase nunca visualizamos um grupo de crianças brincando na rua, como era muito comum nas décadas atrás.

O brincar livre na rua - ou em espaços abertos, em pares ou pequenos e grandes grupos, é uma memória viva e marcante para uma grande maioria das pessoas, algo que nos dias atuais tem a probabilidade de se conceber para uma pequena parcela das crianças. Espaços que antes eram muito frequentados por crianças que pulavam e corriam por todo o ambiente, como praças e vias públicas, hoje se tornaram inapropriadas para que as mesmas possam circular, devido ao aumento na movimentação de pedestres, veículos e nos altos índices de violência em determinadas regiões do país.

Sobre a extinção desses espaços para o brincar livre, Almeida (2012) argumenta:

Brincar na rua ou em praças é em muitas cidades do mundo uma ação em vias de extinção. O tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planejado, uniformizado e sincronizado. Do estímulo ocasional se passou a uma hegemonia do estímulo organizado, tendo como consequência a diminuição do nível de autonomia das crianças, com implicações graves na esfera do desenvolvimento motriz, emocional e social (Almeida, 2012, p. 15).

Ou seja, os espaços ao ar livre que favoreciam as brincadeiras e iniciativas espontâneas das crianças estão cada vez mais difíceis de encontrar, visto que a sociedade tem se ajustado à muros e portões que delimitam o espaço para o brincar entre as crianças, e é possível afirmar que para a grande maioria delas esse espaço demarcado está justamente dentro das escolas, espaços esses que nem sempre contam com uma área aberta ou elementos da natureza, como árvores, plantas, flores, areia ou pedras. Ao contrário disso, é muito comum encontrar em escolas somente áreas de recreação cobertas, muradas e repletas de brinquedos como casinha com escorrega, balanços de ferro, cavalinhos e triciclos que nem sempre tem tanto espaço para percorrer.

Em 2016, uma pesquisa realizada pela OMO constatou que as crianças têm menos tempo ao ar livre que os presidiários, os quais desfrutam de duas horas obrigatórias em espaço aberto. A investigação revelou em dados que das 12 mil crianças que participaram da pesquisa, 56% delas passam o equivalente a uma hora

brincando livremente em áreas abertas, e ainda que, a cada dez crianças, uma delas nunca brinca fora de casa ou da escola.

Seja na classe média ou na classe baixa econômica da sociedade, o contato direto das crianças com o brincar na natureza diminuiu significativamente. De um lado podemos perceber a infância sendo vivenciada de maneira bastante institucionalizada, repleta de atividades extras como natação, balé, judô ou caratê, aula de canto, de instrumentos ou até mesmo aulas conteudistas particulares. As crianças crescem confinadas e sem tempo livre de qualidade, imersas sobre grandes expectativas de suas famílias.

Do outro lado, visualizamos uma infância marcada pela desigualdade social, onde as crianças crescem em contextos vulneráveis e negligenciados pelas políticas públicas. Muitas dessas crianças também não possuem tempo para o brincar livre, porém esse tempo está sendo preenchido pelo cuidar da casa, dos irmãos e pelo trabalho infantil. Com a pandemia do COVID-19 que se espalhou mundialmente em 2020, esse fator se agravou consideravelmente, pois, segundo dados divulgados pela UNICEF no ano de 2021, o trabalho infantil atingiu um número de 160 milhões de crianças e adolescentes ao redor do mundo, e diante desses números, podemos constatar o quanto a vivência da infância para a geração atual tem sido prejudicada.

É importante frisar que as discussões em torno do afastamento entre as crianças e a natureza já aconteciam muito antes da pandemia dentro do contexto educacional, pois, com o avanço considerável das tecnologias as crianças estão sendo inseridas cada vez mais cedo em contato direto com artefatos modernos que as afastam das brincadeiras espontâneas e da interação com seus pares. Crianças em todo o país, mesmo em contextos sociais distintos, têm crescido dia após dia emparedadas, restritas às suas casas ou no máximo à escola enquanto espaço de convivência, sendo distanciadas e desconectadas da natureza e do ar livre.

Esse distanciamento foi apenas intensificado com o enfrentamento à pandemia do COVID-19, quando os riscos de contaminação eram iminentes e as estratégias de prevenção envolviam todo o contexto que diz respeito à nossa existência. Dentre alguns aspectos, podemos citar a alimentação, a interação social, a locomoção urbana, a empregabilidade, o luto, a moradia e claro, a nossa saúde.

Sendo assim, para a atual geração das infâncias, muitas foram as consequências da pandemia no que diz respeito ao afastamento das crianças da

natureza que já vinha se consolidando antes da mesma acontecer. Após esse período de muitas inseguranças, escolas fechadas, luto, recomendações sanitárias e mudanças de hábitos, muitas instituições de educação passaram a considerar estratégias que diminuíssem o impacto dessas mudanças dentro do contexto escolar, aproximando as infâncias à natureza e aos espaços abertos.

Se pararmos para refletir e relembrar nossas infâncias, a memória que temos é de muitos momentos de brincadeiras livres na rua, dos mais diversos tipos: pega-pega, esconde-esconde, boca de forno, queimado, pular corda, amarelinha, jogar bola, comidinhas, pipa; essas são algumas das brincadeiras que nos permitiam sensações únicas e inesquecíveis de poder brincar entre nossos pares com certa liberdade, com os pés no chão e o vento no rosto, voltando para casa com a roupa suja e muitos momentos lúdicos vivenciados. Ou seja, em comparação com esses tempos passados, as oportunidades de contato com espaços abertos e com a natureza eram maiores, e a contribuição desses momentos para a aprendizagem das crianças foi muito significativa.

É pensando nisso que as instituições educativas têm se movimentado e se reorganizado para incluir em suas distribuições espaços amplos e abertos que permitam o contato das crianças com a natureza e seus elementos.

### CAPÍTULO III – O BRINCAR DOS BEBÊS NUMA CRECHE DE MACEIÓ

Com o aumento do número de mulheres e mães no mercado de trabalho, as quais buscam somar à renda familiar ou simplesmente garantir o seu sustento e de seus filhos, no caso de mães solo que não contam com rede de apoio, tem crescido a procura por creches que oferecem cuidados para os bebês durante um turno ou em tempo integral.

Em termos gerais, pensar na inserção de bebês com menos de um ano de idade na creche é algo muito delicado, principalmente se for considerado o motivo que leva seus responsáveis a optarem por essa decisão, como o exemplo da necessidade de seus pais de trabalharem e não poderem ficar durante todo o dia com o bebê. Além disso, muitas são as preocupações que permeiam essa decisão e o processo de adaptação da família e do bebê nesse novo ambiente.

Atualmente, a iniciativa de inserir os bebês na creche desde muito novos já parte também de famílias da classe econômica mais favorecida da sociedade,

famílias essas que se beneficiam da opção de deixar seus bebês em casa aos cuidados de uma babá ou de colocá-los numa creche que envolve um coletivo de outros bebês. Para algumas famílias, a segunda opção tem sido a mais adequada por acreditarem nos benefícios que um espaço focado no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas tem a oferecer aos seus filhos.

Para enriquecer essa discussão, é possível fazer algumas conexões entre os autores que nos darão embasamento teórico acerca da temática e a minha experiência enquanto tutora referência do grupo Berçário vivenciada dentro de uma creche em Maceió, fazendo ligações entre as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse espaço e suas contribuições para o desenvolvimento de bebês desde muito novos, situando essa relação com a conexão direta entre os bebês e a natureza.

Antes disso, faz-se necessário entender mais sobre como os documentos norteadores da educação em nosso país reconhecem a criança e orientam as instituições de ensino a procederem em seus planos educacionais e práticas pedagógicas.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), enquanto o principal documento mandatário da área deixa claro que as propostas a serem pensadas pelas instituições devem priorizar a criança enquanto centro dos planejamentos; como sujeito capaz de construir sua identidade pessoal e coletiva, de brincar, imaginar, desejar, fantasiar, aprender, observar e construir, a partir de sua percepção, noções sobre o mundo, sobre a natureza é sobre a sociedade.

Sobre essas orientações, as DCNEI (2009) apontam que:

[...] o currículo da educação infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com o conhecimento artístico, ambiental, científico, com vistas a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Ou seja, o dever das instituições de ensino é garantir que a criança seja o centro de todo o trabalho pensado e executado no âmbito educativo, pois, são sujeitos capazes de se desenvolver a partir de suas próprias possibilidades, e o contexto escolar, nesse sentido, deve ser um espaço que potencialize e oportunize esse desenvolvimento pleno, especialmente para os bebês, os quais estão em sua

fase de desenvolvimento mais encantador, construindo pouco a pouco sua percepção de si mesmo, do outro e do mundo.

Quando se pensa em inserir os bebês num ambiente de creche, é comum que a atenção esteja direcionada apenas à boa adaptação ou não dos bebês no novo ambiente, mas, a proposta desenvolvida na instituição também deve ser uma preocupação, visto que existem orientações muito bem claras sobre como a mesma deve atuar e que tipo de compreensão da criança deve ser a norteadora: a que enxerga a infância enquanto uma fase potente e a criança como foco e centro do seu próprio desenvolvimento.

Essa também deve ser uma preocupação das famílias ao colocar seus bebês na creche, a fim de garantir que os mesmos tenham acesso às oportunidades devidas de pleno desenvolvimento.

A partir dessa percepção da infância que entende a criança enquanto um ser capaz de protagonizar o seu próprio processo de aprendizagem nos aproximamos de Loris Malaguzzi e Emmi Pikler enquanto autores que se dedicaram à pesquisas e estudos nessa mesma linha de pensamento, os quais nos darão suporte teórico para compreender melhor como a criança, e mais precisamente, como os bebês, a partir de suas brincadeiras, aprendem e se desenvolvem em suas diversas dimensões.

O bebê, apesar de sua pouca idade e imaturidade física e cognitiva, deve ser entendido enquanto um ser em pleno potencial de desenvolvimento, e independente da habilidade verbal que ainda não foi adquirida, consegue se comunicar através de gestos, balbucios, choros, movimentos e muitas outras expressões. Segundo o autor, “mesmo as crianças mais jovens são seres sociais. Elas são predispostas; elas possuem desde o nascimento a propensão para formar vínculos significativos” (Malaguzzi, 1999, p. 72). Ou seja, os bebês são seres ativos socialmente e é por meio dos seus movimentos corporais que conseguem se comunicar e entender o mundo, bem como se entender como parte dele.

A partir dessa perspectiva, entende-se que o bebê tem total capacidade de aprender a partir de suas próprias interações com o mundo, com os objetos disponíveis e com o outro, portanto, seu aprendizado não depende do adulto, mas sim é resultado de suas ações. Sobre isso, Malaguzzi também aponta que “o que as crianças aprendem não ocorre como um resultado do que é lhes ensinado, ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e recursos disponíveis” (Malaguzzi, 1999, p. 76).

Ou seja, nessa concepção da criança, o bebê é considerado capaz desde o seu nascimento a descobrir e atuar sobre o mundo, podendo assim aprender a partir de experiências do dia a dia sem precisamente ser estimulado todo o tempo para isso. Em simples ações do cotidiano o bebê consegue extrair aprendizados significativos para o seu processo de desenvolvimento, e é durante os momentos de brincadeiras que essa possibilidade é dimensionada e o bebê por meio do seu pensamento vai aprendendo em cada movimento que realiza. Sobre isso, Malaguzzi (1999) afirma:

Em qualquer contexto, elas não esperam para apresentar questões a si mesmas e para formar estratégias de pensamento, ou princípio, ou sentimento. Sempre e em todo lugar, as crianças assumem um papel ativo na construção de aquisição da aprendizagem e compreensão (Malaguzzi, 1999, p. 76).

Portanto, os bebês durante sua fase de aquisição de habilidades e realização de muitas descobertas, estão em constante movimentação e interação com o meio onde estão inseridos, e são nessas ações que eles mais aprendem e se desenvolvem. Entretanto, Malaguzzi (1999) também chama a atenção para o fato de que os bebês nesse período de sua vida fazem aquisições significativas de maneira inconsciente, e nesse sentido, deve-se respeitar o tempo da criança de maturação do seu entendimento.

Em concordância com a perspectiva do “ser criança” de Loris Malaguzzi, um sujeito potente e capaz de se desenvolver na interação com o mundo, Emmi Pikler, uma médica e estudiosa especialista em pediatria, se dedicou a pesquisar sobre a importância dos movimentos livres dos bebês. Pikler deteve seu foco no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças de 0 à 3 anos de idade, dando relevância à interação respeitosa entre tutores e crianças como um aspecto primordial no desenvolvimento dos mesmos.

Para Pikler, a abordagem com bebês e crianças pequenas dentro de um coletivo, seja ele num contexto de creche, escola, hospital ou abrigo, por exemplo, precisa acontecer de forma gentil e cuidadosa, onde o cuidador deve se atentar ao comportamento dos bebês e buscar entendê-los, estabelecendo a possibilidade de criar um vínculo afetivo com os mesmos. Sobre essa interação, Falk (2011) descreve:

[...] a um bebê ou uma criança pequena se havia de examinar ou aplicar mesmo o tratamento mais desagradável, sem fazê-la chorar e tocando-a com gestos delicados, com compaixão, considerando que, nas mãos, se tinha uma criança com vida, sensível e receptiva. (Falk, 2011, p.17).

Ou seja, percebe-se a sensibilidade que Pikler julgava ser importante durante a interação do adulto com um bebê ou criança pequena, bem como salienta em sua abordagem a importância de observar e possibilitar a movimentação livre dos bebês enquanto fator primordial para o desabrochar da sua autonomia. Dentro dessa abordagem, o bebê, assim como para Malaguzzi, também é considerado um sujeito em potencial que precisa ter ao seu alcance as oportunidades para se desenvolver dentro de suas possibilidades, respeitando sua maturidade física e cognitiva.

Em outras palavras, na abordagem Pikler faz-se necessário primeiramente estabelecer um vínculo de confiança entre o tutor e o bebê, e nesse processo todos os momentos de cuidados são considerados: troca de fralda, momento do banho, alimentação, hora do sono, entre outros.

Na creche de rede privada em Maceió onde vivenciei uma experiência a partir dessa abordagem, a conduta de todos os adultos e tutores envolvidos no contexto educativo deve proceder de acordo com o embasamento teórico e pedagógico de Malaguzzi e Pikler, e a partir do cotidiano e das situações experimentadas nesse ambiente, foi possível perceber na prática o quanto essas duas percepções da criança, entrelaçadas, de fato são positivas para o desenvolvimento de bebês e crianças pequenas.

O respeito nas relações é o ponto de partida desde o início. No período de adaptação dos bebês ao novo espaço, o qual não tem um tempo pré-determinado e pode variar a depender da situação de cada família, começa a partir de pequenas trocas e de uma aproximação respeitosa. A família vivencia junto com o bebê os primeiros dias na creche e alguns dos momentos que fazem parte da rotina, como o momento de musicalização.

A partir do comportamento de cada bebê, as tutoras vão se aproximando, pedem licença às famílias para pegá-los no colo, e se acontece choro ou estranhamento, logo é acolhido por seus familiares. Somente após alguns dias de vivências e do desprendimento de cada bebê que vai acontecendo em ritmos diferentes, as famílias vão saindo do espaço interno e as tutoras vão assumindo de

fato os cuidados com cada um. Nesse processo, não demora muito para que os bebês se habituem e comecem a interagir com o ambiente e com os demais bebês como se é esperado.

No espaço, a liberdade de movimentos dos bebês de fato é priorizada. No espaço da Sala Referência do Berçário estão dispostas algumas mobílias conhecidas como “mobiliário pikler”, que são justamente alguns móveis inspirados na abordagem da pediatra húngara Emmi Pikler, os quais estimulam a movimentação dos bebês em diversos ângulos e sentidos, oportunizando situações em que as habilidades motoras dos mesmos são trabalhadas e potencializadas, em movimentos de subir e descer, abaixar e levantar, entrar e sair, entre outros. Acerca desses movimentos livres, Falk (2011) ainda completa:

A criança que pode mover-se em liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto a criança superprotegida e que se move com limitações tem mais riscos de acidente porque lhe faltam experiências e desconhece suas próprias capacidades e seus limites. (Falk, 2011, p. 18)

Ou seja, o bebê precisa experimentar algumas situações e testar suas habilidades por si só, para que assim seu corpo vá conquistando a maturidade que necessita para executar um determinado movimento. Claramente o bebê não estará sem supervisão durante esses momentos de circulação livre no ambiente (e em nenhum outro), mas sim, estarão sendo observados por suas tutoras de perto, as quais precisam agir de maneira cuidadosa também nesses momentos.

Abaixo, seguem algumas fotos das mobílias Pikler disponíveis no ambiente para exploração dos bebês:

Fig. 2: mobílias pikler - gangorra



Fonte: a autora, 2024.

Fig. 3: mobílias pikler: triângulo e rampa



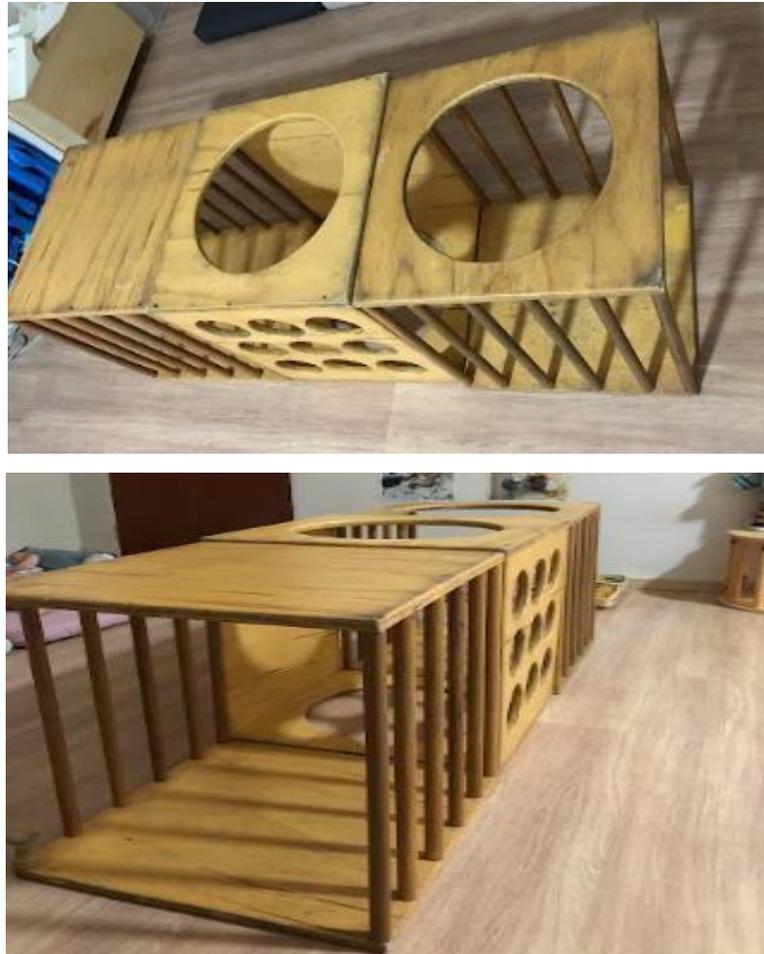
Fonte: a autora, 2024.

Fig. 4: mobílias pikler: circuito



Fonte: a autora, 2024.

Fig. 5: mobílias pikler: túnel



Fonte: a autora, 2024.

A posição das tutoras, nesse sentido, funciona enquanto mediadoras da situação. Devem estar atentas aos movimentos dos bebês e intervir apenas nos momentos em que se é necessário, passando confiança para o bebê de que ele consegue realizar aquela determinada ação. Em risco de quedas ou perigo, o adulto deve intervir e evitar que a criança se machuque, de forma que não a assuste para que em outro momento ela consiga tentar novamente realizar o movimento que lhe interessa. Dessa forma, as tutoras agem de maneira respeitosa como a abordagem norteadora lhes orienta, passando confiança para o bebê de que ele é totalmente capaz de conquistar a autonomia motora que lhe é devida.

É importante ressaltar que o mobiliário é um dos materiais de apoio que tem como intuito estimular os movimentos livres, entretanto, todas as ações dos bebês são observadas e registradas, e em cada uma delas existem detalhes e aprendizados importantes a serem destacados. Para Emmi Pikler, desde recém-nascidos os bebês são seres competentes para se desenvolverem e se perceberem fisicamente, e a partir disso, conseguirão se ajustar para ficar em posições confortáveis.

Observando de perto, foi possível perceber que os bebês, dentro de sua maturidade física, começam a se perceber e sua primeira investigação é sobre si mesmo. Descobrem suas mãos, seus pés, e posteriormente descobrem que podem levar a mão e o pé à boca; Percebem o ambiente ao seu redor e os materiais que estão dispostos; aprendem a pegar os objetos e também levam à boca; É nesse movimento que vão conhecendo as coisas e o espaço em que está inserido. Vão ganhando autonomia sobre seu próprio corpo, aprendendo a girar, rolar e virar o próprio corpo, se arrastando para alcançar os objetos.

Passam a engatinhar com certa insegurança, logo mais com maestria; Se apoiam nos objetos, levantam, caem; Aprendem a sentar, se agachar e levantar novamente; Ficam alguns minutos em pé, caem; Os primeiros passos vão surgindo e a habilidade do andar fica cada vez mais próxima de ser alcançada. Um processo fascinante de se acompanhar, e em cada fase se percebe o potencial existente em cada bebê, dentro do tempo de cada um.

São nesses momentos que os bebês conquistam o domínio sobre o seu próprio corpo, como defende Pikler, pois a mesma considera que são justamente por meio dos movimentos livres que as crianças aprendem sobre autonomia, como pontua Falk (2011): “[...] a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta” (Falk, 2011, p. 27).

### 3.1 Os bebês e o contato com a natureza na creche

Dentro da experiência explanada neste trabalho, além da percepção da criança que lhe apresenta enquanto um ser potente e capaz de aprender e se desenvolver, a partir de uma abordagem e práticas pedagógicas que priorizam a

liberdade e a autonomia das crianças, outro fator importante na creche vivenciada é a presença e o respeito à natureza. Desde o berçário até os grupos de maior faixa etária, todas as crianças têm contato direto com elementos da natureza, seja no espaço aberto da instituição ou em propostas realizadas nos demais ambientes.

A investigação que parte da natureza é intrinsecamente considerada na creche, pois, acredita-se que esse é o melhor meio de oferecer às crianças experiências significativas que partem da realidade de cada uma, do concreto e do real, para posteriormente fazer relações entre a natureza e o conhecimento abstrato. Ao analisar alguns documentos legais, vemos que a natureza tem seu reconhecimento enquanto um contribuinte importante para o pleno desenvolvimento infantil, e sendo assim, um elo entre aprender, brincar e interagir com a natureza precisa acontecer no contexto escolar das instituições de ensino destinadas ao público infantil.

Como já discutido em um capítulo anterior sobre a infância e a natureza, a realidade do brincar das crianças nesse espaço está cada vez mais escassa nos dias atuais, e a natureza tem sido afastada da sociedade, sendo limitada a um ambiente de visitas esporádicas de lazer, o que não é o ideal.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as instituições, ao oferecerem brincadeiras ou propostas que acontecem em meio a natureza, com água, folhas, gravetos, areia, flores ou frutos, estarão proporcionando um diferencial na aprendizagem de suas crianças, oportunizando experiências que estimulam a curiosidade e a investigação por meio da exploração e de possíveis questionamentos sobre o tempo e sobre a natureza (Brasil, 2009a).

Sendo assim, foi possível perceber no cotidiano da creche que aproximar e inserir bebês e crianças em um ambiente natural oferece múltiplas possibilidades de investigação e consequentes aprendizados, deixando que eles façam suas próprias descobertas a partir de elementos naturais, incentivando a sua curiosidade e imaginação, a criação de hipóteses e o compartilhamento de conhecimentos sobre preservação do meio que lhes cerca.

As instituições de ensino precisam apresentar no cotidiano infantil experiências concretas e verdadeiras que se extraem da natureza, dando possibilidades para que as crianças protagonizem seus momentos de aprendizagem e de novas descobertas sobre o mundo. Portanto, como discorre Lima (2015) a escola precisa oportunizar

esses momentos de exploração, pensando em estratégias de inserir as crianças em contato com a natureza e para que as mesmas aprendam com ela.

Propiciar esse contato direto entre as crianças e a natureza, especialmente na atualidade onde o meio ambiente tem sofrido inúmeros prejuízos devido às atividades e explorações humanas sobre ele, pode oferecer muitos resultados positivos, e o estímulo a preservação da natureza é um deles, como afirma a Unesco por meio dos Cadernos Pedagógicos:

Criar canteiros com folhagem e flores, plantar pequenas hortas, acompanhar seu crescimento e suas transformações, cuidar, regar, observar a ação dos insetos nos vegetais, também são atividades estimuladoras e enriquecedoras para as crianças. Assim, elas podem gradativamente desvendar uma percepção integrada delas próprias com a natureza, sentindo-se parte e agindo sobre ela (Unesco, 2005, p. 82).

Partindo dessa perspectiva, simples estratégias e ações podem fazer total diferença dentro dos espaços educacionais para promover o respeito, a preservação e a aprendizagem concreta a partir de experiências com a natureza, e sendo assim, o ideal é que as instituições estejam cada vez mais alinhadas a esse ideal e dispostas a levarem as crianças para fora da sala de aula, aproximando-as de espaços abertos e dos elementos da natureza, oportunizando vivências ricas em conhecimentos. Criar e cultivar pequenos ou grandes espaços externos na creche/escola ou em suas proximidades faz com que a natureza esteja presente como parte do currículo e das práticas pedagógicas, nas quais as crianças são consideradas o centro do planejamento (Brasil, 2009a).

Na creche da qual compartilho minha experiência, a natureza está presente notoriamente. Existe um espaço aberto com total presença da natureza; com tanque de areia, uma pequena horta, vasos de plantas e frutos que estão sendo cuidados também pelas crianças, um gramado, uma vista para o céu, um pé de bananeira e chuveiros/torneiras com acesso a água. O espaço é amplo e compatível com as demais distribuições da creche, atendendo bem a demanda de crianças recebidas na instituição.

Os elementos da natureza também se fazem presentes em todos os espaços da creche. Nas salas, flores e plantas fazem parte da estética de cada sala ou espaço, e contribuem para o embelezamento e aconchego do ambiente em geral.

Algumas criações das crianças feitas com elementos da natureza também estão dispostas por todo o espaço. Artefatos de madeira, com gravetos ou elementos da natureza de origens diversas estão expostos nas paredes ou prateleiras, e é possível perceber o quanto são valorizados ao circular nos ambientes.

Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, outro documento geral alinhado aos princípios que norteiam a primeira etapa da Educação Básica em nosso país, também evidencia em seu conteúdo a importância da presença de elementos da natureza nos espaços das instituições:

Os ambientes físicos da instituição de educação infantil devem refletir uma concepção de educação e cuidado respeitosa das necessidades de desenvolvimento das crianças, em todos seus aspectos: físico, afetivo, cognitivo, criativo. Espaços internos limpos, bem iluminados e arejados, com visão ampla do exterior, seguros e acolhedores, revelam a importância conferida às múltiplas necessidades das crianças e dos adultos que com elas trabalham; espaços externos bem cuidados, com jardim e áreas para brincadeiras e jogos, indicam a atenção ao contato com a natureza e à necessidade das crianças de correr, pular, jogar bola, brincar com areia e água, entre outras atividades (Brasil, 2009b, p. 50).

Ou seja, o trecho deixa evidente que a organização do espaço também está relacionada ao cuidado e respeito na relação com as crianças, dando ênfase à importância da natureza presente no ambiente, bem como à necessidade de um espaço reservado para as brincadeiras livres em contato com o ar puro e com os elementos naturais areia e a água, por exemplo.

No cotidiano da creche, os elementos da natureza fazem parte da organização e também das propostas realizadas por cada grupo de crianças, e no Berçário, isso não é diferente. Por se tratar de bebês, é claro que a atenção quanto aos materiais deve ser diferenciada, bem como durante a realização da proposta, pois, os bebês tendem a levar tudo que tocam e pegam à boca. Portanto, as tutoras responsáveis devem observar atentamente os bebês durante o momento de brincadeira e exploração, ao mesmo tempo em que não devem intervir nos seus interesses, deixando-os livres para interagir com a proposta.

Desde bebês, as crianças têm um instinto exploratório e investigador, e unir esse interesse aos aprendizados que a natureza pode nos oferecer é significativamente benéfico às crianças, pois, enquanto brincam, podem aprender de maneira simples sobre coisas mais complexas. Sobre isso, Machado (2016) defende:

A criança tem um espírito exploratório. Brincando e descobrindo a natureza, ela aprende de uma forma tão natural, descontraída e prazerosa, que nem parece aprendizado. O contato da criança com a natureza é produtivo, pacificador, e restaurador. Promove equilíbrio interno e autorregulação da criança como um todo (Machado, 2016, p. 2).

Na creche, propostas com areia, água, folhas, flores, tintas feitas de elementos naturais (páprica doce, beterraba, açafrão, spirulina, cacau, entre outros), legumes, verduras e frutas, são realizadas no dia a dia com os bebês, justamente para trabalhar com eles questões sensoriais, percepções sobre o mundo, estimular a sua criatividade, bem como propiciar a interação em coletividade com os elementos naturais. Numa simples proposta com areia, muitos sentidos estão sendo despertados e até mesmo restrições estão sendo postas em desafios.

Bebês com especificidades em relação a alguma textura, sinal que também se manifesta em outros momentos como na alimentação, podem ter a oportunidade de ir rompendo essa restrição durante alguma proposta. Por exemplo, um bebê que tem receio de tocar numa textura mais áspera na hora da alimentação pode ter a oportunidade de se aproximar da areia durante um momento de exploração com a natureza, bem como um outro bebê com restrição à texturas mais gelatinosas, podem se aproximar da experiência sensorial ao brincar livremente com água e outros materiais.

Abaixo, algumas fotos que registraram propostas exploratórias para os bebês com elementos naturais:

Fig. 6: proposta com areia, flores e plantas



Fonte: a autora, 2024.

Fig. 7: proposta com tinta natural (spirulina)



Fonte: a autora, 2023.

Fig. 8: proposta com água, conchas e areia



Fonte: a autora, 2023.

Fig. 9: proposta com flores naturais



Fonte: a autora, 2023.

Fig. 10: proposta com ervas e temperos



Fonte: a autora, 2024.

Ou seja, em contato com elementos da natureza o bebê pode ir além do brincar por brincar, vivenciando também experiências significativas que vão lhe abrir os olhos para outras percepções sobre o mundo e sobre o que nele está disponível.

Além disso, é muito fácil perceber o quanto o brincar na natureza e com seus elementos é prazeroso para as crianças, pois, oferece inúmeras possibilidades de brincadeiras e explorações, conseqüentes vivências que elas não esquecerão.

O brincar com e na natureza dá novos sentidos às situações mais comuns, tornando as aprendizagens extraídas de cada experiência uma situação que faz sentido para crianças. Acerca desse potencial da interação com elementos naturais, Piorski (2016) pontua que:

Não podemos ausentar as crianças do barro, da lama, da pedra, do lenho, das folhas, do ferro, das lagartas, das oficinas mecânicas, dos afazeres do amolador de tesouras, do pedreiro, do escultor, do sapateiro, das matérias primitivas, dos restos que fazem o brinquedo nascer com naturalidade, de objetos já sem serventia, como chaves, óculos e lupas. Os brinquedos da terra regem as imagens da construção, da amálgama, da amarração, da fixação, da criação do mundo (Piorski, 2016, p. 118).

Em tese, a creche tem se preocupado em aproximar cada vez mais as crianças, e inclusive, os bebês, de contextos exploratórios com elementos da natureza que desde cedo trarão benefícios e experiências significativas para os mesmos, respeitando as orientações que norteiam a sua abordagem e seu plano pedagógico enquanto instituição de ensino que atende a Educação Infantil, reconhecendo a criança, sobretudo, como centro do planejamento das propostas, das condutas e do trabalho desenvolvido, pois, a criança deve ser lembrada enquanto sujeito de direitos (Brasil, 2009a), e deve ter ao seu alcance oportunidades, tempo e espaço para se aproximar da natureza e de todo conhecimento que ela detém, pois, seja no contexto familiar ou escolar, sabemos que a interação entre as crianças e o meio ambiente é imensamente importante para o desenvolvimento pleno e integral das mesmas, como assegurado em lei.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao resgatar o objetivo principal que deu luz a produção deste trabalho, "entender, e registrar como acontece o brincar livre dos bebês numa creche privada em Maceió", partindo do pressuposto de que o brincar na natureza carrega um demasiado de oportunidades, situações e possibilidades para as crianças, foi

possível observar nas vivências do cotidiano que, de fato, ter a liberdade de brincar, explorar e manusear elementos da natureza em ambientes organizados e pensados para estimular a criatividade das crianças faz toda a diferença no que diz respeito ao desenvolvimento das mesmas.

Uma simples proposta envolvendo água e areia, por exemplo, pode gerar para a criança uma experiência rica de aprendizados não previstos pela tutora que organiza o ambiente. Existem os objetivos, aquilo que se espera alcançar, mas na realização daquela atividade, muitos outros caminhos podem ser encontrados e desfrutados pelas crianças.

Com os bebês, as propostas envolvem mais as experiências sensoriais e táteis, onde os ambientes preparados tendem a lhes convidar para a livre investigação, e a partir de cada toque e experimentação, seja com as mãos, com os pés ou com a boca, sentidos são aguçados e despertados nos pequenos. Os bloqueios ou dificuldades que alguns bebês trazem consigo, como em questões alimentares, podem ser superadas pouco a pouco a partir de uma proposta na natureza que permita sua autonomia e avive sua curiosidade pelo novo e até então desconhecido.

Descobrir o chão, a areia, a água, as plantas e as flores, os sabores e as texturas. Muitos são os cenários de aprendizagem para um bebê pequeno dentro do contexto do meio ambiente, e partindo da experiência que compartilho neste trabalho, é notório o quanto os bebês se sentem maravilhados diante da grandeza com o que é natural. O desenvolvimento das crianças, e especialmente dos bebês, perpassa o desejo de vislumbrar o que a natureza em si tem a oferecer, pois são seres repletos de energia, vontade e potencial para aprender, se as oportunidades certas lhes forem dadas.

Faz-se necessário continuar pensando numa educação que valorize as infâncias no seu verdadeiro sentido, respeitando seu tempo, valorizando suas expressões e oportunizando momentos de brincar, explorar, conviver e aprender nos seus contextos e práticas pedagógicas. Dessa forma, a abordagem norteadora da instituição aqui investigada consegue atender as orientações principais destinadas à educação infantil, quando prioriza as iniciativas que dão autonomia às crianças no decorrer de seu desenvolvimento, pois as mesmas são seres potentes e capazes de aprender e ensinar, mesmo que sejam pequenos bebês. Uma educação que provoque, organize, pense, encante e crie repertórios para uma livre exploração a

partir dos elementos da natureza deve ser emergente. Para o bebê, estar em conexão com a natureza é como se conectar consigo mesmo. Corpo e sentidos se entrelaçam nas experiências que a natureza lhes apresenta, portanto, cabe aos educadores se atentarem às possibilidades que estão ao seu redor e garantir esses momentos.

Fig. 11: interações com a natureza



Fonte: a autora, 2024

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos T. P. **O brincar das crianças em espaço público**. 2012. 450 p. Tese (Doutorado em Pedagogia) - Universidade de Barcelona, Barcelona, 2012.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BORBA, A. M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**. 27. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FALK, J. (Org) **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

\_\_. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil** / Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009b.

LIMA, Izenildes Bernardina de. **A criança e a natureza: experiências educativas nas áreas verdes como caminhos humanizadores**. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação. Disponível em: Acesso em: 4 de fevereiro de 2019.

MACHADO, Ana Lúcia. **Brincando com os 4 elementos da natureza**. 1. ed. nov. 2016. Disponível em:< <http://www.educandotudomuda.com.br/tag/e-book-brincando-com-os-quatroelementos-da-natureza>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

MALAGUZZI, Loris. Histórias idéias e filosofia básica In. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2009.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016. 156 p.

POROPAT, A. E. “**A meta-analysis of the five-factor model of personality and academic performance**”. *Psychological bulletin*, American Psychological Association, v. 135, n. 2, p. 322, 2009.

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Lisboa: Asa Editores S.A. 2004.

Secretaria Municipal de Educação. **Referencial curricular de Maceió para educação infantil** / [Secretaria Municipal de Educação].– Maceió: Editora Viva , 2020.

TEIXEIRA, Fátima Emília da Conceição (org). **Aprendendo a aprender**. Guia de formação para professores das séries iniciais. Vol. 5. Brasília: UniCEUB, 2003.

UNESCO. **A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo** . – Brasília: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005. 136 p. - (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos; volume 2).

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças**. 20 de novembro de 1959.

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf). Acesso em: 17 de Agosto de 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. ISSN: 1808-6535. Publicada em Junho de 2008.

## ANEXOS

## ATELIÊ BAMBOLEARTE

Eu, Nelyne Oliveira Costa, inscrita no cadastro de pessoa física com o número 094.683.214-52, sócia proprietária da instituição ATELIE BAMBOLEARTE LTDA, CNPJ nº 32.074.760/0001-30, localizado na RUA DURVAL GUIMARAES, 118, Ponta Verde, Maceió/AL, CEP: 57.035-060, **autorizo** Luanny Ferreira Avelino Silva, aluna do curso de Pedagogia 2016.2 CEDU, da Universidade Federal de Alagoas, a utilizar imagens das propostas e ambiente do Ateliê Bambolearte para exposição no TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: O Brincar dos Bebês na Creche em Contato com a Natureza, que tem como Orientadora: Mariana Rebeca Saraiva, com apresentação prevista para 2024.

Nelyne Oliveira Costa  
Ateliê Bambolearte  
094.683.214-52  
Nelyne Costa  
Diretora

[Autorização de uso de imagens por parte da escola]